



REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS NAS OBRAS *GAIBÉUS*, DE ALVES REDOL E
HOMENS E CARANGUEJOS, DE JOSUÉ DE CASTRO

REPRESENTATIONS AESTHETICS IN THE WORKS IN *GAIBÉUS*, OF ALVES
REDOL AND *HOMENS E CARANGUEJOS*, OF JOSUÉ DE CASTRO

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira¹
Elisabeth Battista²

Recebimento do texto: 20/02/2016

Data de aceite: 15/03/2016

RESUMO: Esta abordagem volta-se para o estudo dos elos de convergências e distanciamentos entre o Romance *Gaibéus*, de Alves Redol, que conta a saga dos ceifeiros de arroz na Lezíria do Ribatejo em Portugal, com a narrativa, *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro, o qual narra a trajetória cíclica da vida dos seres humanos que trabalham nos mangues do Recife no Brasil. Como ponto de partida, apresentamos alguns aspectos que se vislumbram a partir da leitura da obra *Gaibéus*, escrita em 1939, momento de diversas revoluções sócio-políticas, históricas e culturais, em diálogo com os elementos estruturais, espaço/tempo, do romance de autoria de Josué de Castro: *Homens e Caranguejos*, lançado em 1967. No plano da representação literária, as obras demarcam o traço cruel e avassalador da violência social, nos dois lados do Atlântico, com ênfase na temática da exploração em série e da fome, alimentada pela égide do sistema capitalista de organização social. Nossa reflexão elege como suporte teórico-metodológico as proposições de Eduardo Coutinho & Tânia Carvalhal (2005), Michel de Certeau (2002), Antonio Candido (1995), Ernst Fischer (1971), Benjamim Abdala Jr (1987), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Estética do romance; Alves Redol; Gaibéus; Josué de Castro; Homens e Caranguejos.

ABSTRACT: This approach turns to the study of convergences and differences of links between Romance: *Gaibéus* (1939), Alves Redol, which tells the saga of rice reapers in Lezíria do Ribatejo in Portugal, with the narrative, *Men and Crabs* (1967) of Josué de Castro, which tells the cyclical trajectory of life of human beings working in the swamps of Recife in Brazil. In terms of literary representation, the works mark the cruel and overwhelming feature of social violence on both sides of the Atlantic, emphasizing the theme of exploration in series and hunger, fed the aegis of the capitalist system of social organization. Our reflection, elects as theoretical and methodological support the propositions of Eduardo Coutinho & Tania Carvalhal (2005), Michel de Certeau (2002), Antonio Candido (1995), Ernst Fischer (1971), Benjamin Abdala Jr. (1987), among others.

KEYWORDS: Romance aesthetics; Alves Redol; Gaibéus; Josué de Castro Homens e Caranguejos.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT/Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGEL. Email: m.elizabte@gmail.com.

² Professora Dr^a da UNEMAT/Universidade do Estado de Mato Grosso.





Primeiros cenários: os lugares da encarnação dos enredos po-éticos³

Gaibéus...

Este romance que hoje se reedita depois de lhe passar certidão de óbito, é testemunho desse tempo. No Seu conteúdo como no seu estilo fica a imagem do autor, mais parecido aqui do que nos retratos de família. E também a grandeza e a pequenez de uma época que ainda guarda segredos nesta memória. Como tudo é limitado!

(ALVES REDOL)

A epígrafe acima justifica a proposição que intentamos tecer no decorrer desta abordagem de que o ser humano é o seu tempo com todas as imbricações e complexidades que acarreta. E para, além disso, enfatizamos que as considerações expostas são apenas frinchas do riquíssimo arsenal de conjecturas expostas por Alves Redol no romance *Gaibéus*, compreendendo tal qual Ernst Fischer (1971) que:

Para conseguir ser um artista, é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma. A emoção para um artista não é tudo; ele precisa também saber tratá-la, transmiti-la, precisa conhecer todas as regras, técnicas, recursos, formas e convenções com que a natureza – esta provocadora – pode ser dominada e sujeitada à concentração da arte (FISCHER, 1971, p. 14).

É, portanto, um entre muitos olhares que se podem tecer a respeito da obra *Gaibéus*, de Alves Redol, romance escrito em 1939. Enfatiza-se que, no momento de sua produção, imperavam diversas revoluções sociopolíticas, históricas e culturais, destacadas pelo autor na nota

³ A separação silábica do vocábulo se justifica pelo fato de acreditarmos que os romances além de trazer a realidade originária da classe menos abastada da sociedade, movimenta um olhar ético mediante as injustiças decorrentes do sistema de organização social.





introdutória do romance, as quais reforçam a importância da memória no reviver dos fatos que contribuíram para enlaçar a trama do romance. A produção a que nos referimos é a 17ª edição, lançada em 1989, após cinquenta anos da primeira e da qual buscamos apresentar pontos do enredo onde o ser humano, natureza e mundo se mesclam numa dinâmica indissociável e, às vezes, contraditória. Trata-se de um romance contextualizado no entremeio do modelo fascista liderado por Antônio de Oliveira Salazar, o qual iniciou o mandato em 1933, o regime instalado por ele teve fim com a *Revolução dos Cravos*, em 1974.

Com *Gaibéus*, título do romance e codinome dos alugados/ceifeiros, Alves Redol inaugura o primeiro romance neorrealista português que tece a trajetória de ceifeiros de arroz na Lezíria Ribatejana, em Portugal. Trata-se da descrição das dificuldades coletivas destes ceifeiros tecidas no cerne das desigualdades e da exploração do ser humano, mostrando-nos as múltiplas faces da exclusão social pelas acrobacias das palavras desenhadas pelo autor. Como salienta Redol, trata-se de um romance anti-história, sem personagem principal, o grito de um drama coletivo de ceifeiros de arroz que buscam juntar dinheiro para retornar à sua aldeia e que percorrem os diversos caminhos da alienação e injustiça social e humana, que os levam à degradação não apenas do corpo físico, mas da própria existência. Mesmo com a exploração sofrida, os Gaibéus faziam o trabalho sem reclamar da sua *vida Severina* ⁴ já que o pior seria ficar sem trabalho, ou seja, preferiam esgotar toda sua força física para acompanhar a máquina. Dentre as inúmeras possibilidades de análises esta pode ser vista como alegoria do sistema de produção.

⁴ Termo utilizado pelo poeta brasileiro João Cabral de Mello Neto ao se referir aos seres humanos que vivem em situação de miserabilidade nos recônditos do nordeste brasileiro.





Segundo Benjamin Abdala (1987), o escritor deve ter consciência do sentido histórico, ideológico e social das inúmeras formas de alienação e exclusão que imperam no âmbito social, a fim de desmascarar aquelas estruturas que não mais se justificam, provocando não apenas nos personagens, mas também no leitor, uma atitude de reflexão crítica. Este engajamento de Alves Redol aparece já na abertura do romance quando declara que antes de romance, Gaibéus foi consciência alertada e/ou quando salienta que está a discorrer com conhecimento da causa daqueles oprimidos, do qual também era parte: “presentiram-na desde 1936 muitos homens desse tempo. Eu estava com eles” (REDOL, p. 54, 1989). Redol nos convoca a este olhar de reconhecimento da história quando nos aponta a necessidade de nos reportar ao contexto histórico do momento da produção: “Gaibéus [...] Quem o ler, portanto, deve ligá-lo às coordenadas da história de então. Só dessa forma saberá lê-lo na íntegra” (REDOL, p. 54, 1989).

Contexto histórico-social de Homens e Caranguejos ótica de Josué de Castro

A fim de contextualização, apresentamos também uma breve biografia de Josué de Castro, bem como do espaço/tempo do enredo de *Homens e Caranguejo* objeto desta abordagem. O autor viveu entre os anos 1908 a 1973, foi cientista e professor universitário tanto no Brasil quanto no exterior, como também embaixador do Brasil em Genebra até ser cassado pelo governo militar em 1964, seu principal foco era compreender a fome como um acontecimento de exploração socioeconômica, produto de dominação política e, portanto, um fenômeno social de âmbito mundial.

O autor foi indicado duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz, entre suas obras de referência podemos destacar: *A Geografia da fome* (1946) e





Geopolítica da fome (1951), ambas publicadas em mais de 25 idiomas, Castro faleceu em Paris em 1973. A narrativa: *Homens e Caranguejos*, produção lançada em 1967, conta a trajetória da vida que desponta entre a miséria dos habitantes da lama do mangue em Recife. Trata-se de um cenário onde perpetua a injustiça e a exclusão social, alinhavada às garras do sistema social vigente. Faz-nos compreender que o conceito de uma sociedade unilateral é bastante cômodo aos dominantes e que as produções literárias dos autores engajados nos incitam a descortinar a verdade instituída para ver/sentir outras sociedades que estiveram e permanecem à margem da contemporaneidade.

Já na abertura da narrativa intitulada *prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro*, o autor nos coloca diante da antítese da fome e faz uma descrição minuciosa do contexto que permeará todo o enredo, explicitando que a figura de linguagem supracitada se deve ao fato de tratar-se de “uma obra magra, seca, com pouca carne de romance” e que, portanto, as considerações preliminares têm a função de saciar a fome do leitor por romance e que, além disso, fora a forma que encontrou para engordá-lo um pouco, por meio de conjecturas que a amarra aos aspectos socioeconômicos. Ao fazer uso de interrogações, o autor coloca em dúvida a estrutura do romance, pois diz não saber se trata mesmo de um livro de romance, de memória ou de uma autobiografia, o que afirma é que conta a história de uma vida diante do espetáculo multiforme da vida (CASTRO, 2001, p.10). Ele segue a descrição em primeira pessoa ressaltando a isomorfização, processo que apaga as individualidades e subjetividades humanas, faz com que os habitantes do mangue sejam todos iguais e, enfatiza que fora neste contexto que descobriu o fenômeno da fome e suas implicações político-sociais e culturais.





O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Este é que foi a minha Sorbonne: A lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos. Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos (CASTRO, 2001, p. 10).

Talvez seja importante, neste momento, fazer alusão ao poema, *Os bichos*⁵ de Manuel Bandeira, onde o homem surge em meio aos detritos da sociedade moderna, sendo confundido com animal. Segundo Castro, da mesma forma que o manguê procurava dar vida àqueles seres humanos, também os levava ao encontro da morte, já que ao serem enleados pelo “Ciclo do Caranguejo” dificilmente encontravam saída do miserável contexto em que eram expostos.

A impressão que eu tinha era que os habitantes dos mangues – homens e caranguejos nascidos à beira do rio – à medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama. Parecia que a vegetação densa dos mangues com seus troncos retorcidos, com o emaranhado de seus galhos rugosos e com densa rede de suas raízes perfurantes os tinha agarrado definitivamente como um polvo, enfiando os tentáculos invisíveis por dentro de sua carne, por todos os buracos de sua pele, pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos (CASTRO, 2001, p. 11).

O fragmento nos convoca a refletir sobre as garras da exploração socioeconômica, das quais o dominado se encontra preso as suas amarras. Castro enfatiza que é a esta sociedade, a dos caranguejos, que deve grande parcela do seu conhecimento, pois mesmo antes de conhecer a sociedade

⁵ Poema modernista brasileiro que equipara as ações humanas àquelas realizadas pelos seres irracionais.





dos homens, foi esta que lhe fora apresentada e, é desta que tira o substrato do romance:

É a história da sociedade desses anfíbios que eu conto neste livro. Desta sociedade que, economicamente, também é anfíbia, pois que vegeta nas margens ou bordas de duas estruturas econômicas que a História até hoje, não costurou num mesmo tecido: a estrutura agrária feudal e a estrutura Capitalista [...] A sociedade dos mangues é uma sociedade imprensada entre estas duas estruturas esmagantes. É uma sociedade que, comprimida pelas duas outras, escorre como uma lama social na cuba dos alagados do Recife, misturando-se com o caldo grosso da lama dos mangues (CASTRO, 2001, p. 14).

O autor segue o relato minucioso da terra onde nascera, destacando que aos poucos foi compreendendo que toda a vida daquela gente que vivia nos mangues do Recife “girava em torno de uma só obsessão – a angústia da fome”. Esta era, portanto, a modeladora da vida daquelas pessoas, inclusive “dos seus valores éticos, das suas esperanças e dos seus sentimentos dominados” (CASTRO, 2001, p. 17). Enfatiza que com o tempo descobrira que esta não era a realidade apenas dos seres humanos que viviam no mangue, mas que assolava a realidade de vários seres humanos em volta do planeta. “[...] quando cresci e saí pelo mundo afora, vendo outras paisagens, me apercebi com nova surpresa que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama do meu bairro, era um drama universal” (CASTRO, 2001, p.21).

O enredo do romance Gaibéus, de Alves Redol

Trabalhar de dia para comer de noite...
e mal. Condenados a uma pena, terem
porta por onde se via a liberdade e
ficarem entre as grades à espera da
morte.





Alves Redol

O enredo apresenta a saudade dos emigrantes da terra que deixara, talvez para se compreender que os gaibéus estão ali pelas urgências e solicitudes da vida, não por vontade própria: “sentiam saudades da terra que lhes negava o pão. Saudades bem fundas, catano! Vir de tão longe...” (REDOL, 1989, p. 60). Quando colocamos Gaibéus como lugar de encarnação da palavra poética, queremos defender a tese de que é por intermédio da carne deste seres humanos que Alves Reidol enleia toda a narrativa, de modo que é possível acompanhar o definhar de seus corpos na trajetória do enredo. Impossível não se lembrar da utopia freireana (FREIRE, 1979, p.27), para quem “o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e anunciar a estrutura humanizante”.

A arte, de acordo com Redol, deveria vir ao encontro das aspirações humanas, assim durante o enredo é possível vislumbrar conceitos fundamentais sobre a função da arte que vem ao encontro de proposições dos autores com os quais dialogaremos no percurso desta abordagem. Observa-se que Redol traça a identidade de um coletivo enlaçado pela malha da alienação da produção capitalista, onde o ser humano aliena-se das coisas por ele produzidas, e aliena-se a si próprio, até perder-se no ato da produção (FISCHER, 1971, p. 95). A narrativa ao unir os elementos de forma circular e complementar endossa a afirmativa de Fischer, movimento que se faz por meio das conexões e interatividades. Nota-se ainda que algumas diferenças vão se diluindo pelo torpor do trabalho em demasia:

Homens e mulheres, enrolados nas mantas listradas, dormem pelo chão, em ressonares profundos, sobre esteiras ou palha, como o galo que está na mota a remoer.





Estão ali, sem divisões de sexo, vencidos pelo torpor que o trabalho lhes deixa nos corpos. [...] O ambiente anda carregado com o cheiro dos corpos suados pelo trabalho e pelas sezões; deixa nas cabeças uma moinha pesada (REDOL, 1989, p. 67).

Michel de Certeau (2002) afirma a necessidade de se traçar supostos caminhos para estudar o cotidiano, desviando o olhar dos “grandes personagens da história” para o herói anônimo (ser humano comum), que passa a fazer parte dos estudos durante a modernidade do século XVI, contribuindo para nos ajudar a compreender a estrutura narrativa do romance *Gaibéus*. Segundo Certeau (2002), o estudo do cotidiano convoca uma multiplicidade de saberes e de métodos a serem aplicados para sobreviver em meio à sociedade de consumo, trata-se de resistências criadas pelas astúcias e artimanhas do homem ordinário para sobreviver às garras do poder operante, ideais contra-hegemônicos que são criados e sobrevivem pela luta política e cultural. O autor ajuda-nos a movimentar outros olhares, a respeito do ser humano ordinário, tendo em vista que, estes sofrem todo tipo de preconceito, humilhação e invisibilidade, como a distância considerável existente entre os alugados, Gaibéus e os vendidos, Capatazes:

[...] O que é um gaibéu?... Quem sabe donde vem e para onde vai um gaibéu?... Só aos capatazes o pão não faltaria, eram eles quem negociava nas lojas o avio dos faos para os ranchos. O padeiro e o merceeiro não os esqueceriam, que os alugados bem pagavam tudo quanto lhes dessem (REDOL, 1989, p. 176).

Michel de Certeau destaca a necessidade de que os projetores abandonem os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público, do coletivo que é invisibilizado pela sociedade de consumo (CERTEAU, 2002, p.57). Nesse sentido, há astúcia do sistema capitalista tão bem exposta na figura de Agostinho da Serra e do





capataz Francisco Descalço, os quais por meio da consciência da exploração dos padrões sofrida pelos Gaibéus, também aproveitam e os exploram, mostrando as artimanhas do sistema capitalista na sua exploração em série para alienar os seres humanos e manipular os direitos dos trabalhadores, retratado em *Gaibéus* pela oferta *despretensiosa* do vinho e/ou dos milhos. Portanto, quando destacamos a marginalização e/ou opressão estamos nos referindo aos seres humanos que se encontram no revés da história oficial.

Alves Redol faz uso da imaginação criadora para desmascarar fatores alienantes, fazendo emergir um necessário processo de conscientização das condições subumanas as quais são submetidos os gaibéus. Como Salienta Benjamim Abdala (1987), trata-se de sensibilizar para modelos de articulações dialéticas identificadas com as aspirações sociais de um coletivo marginalizado, pois ainda de acordo com o autor:

[...] todo esse conjunto de palavras, objetos, circunstâncias e homens que constituem uma história, parte de um princípio, isto é, de uma palavra que o funda e que outorga-lhe sentido. Esse princípio não é histórico nem é algo que pertença ao passado, e sim algo que está sempre presente e disposto a se encarnar. [...] A história é o lugar de encarnação da palavra poética (ABDALA, 1987, p. 226-227).

O narrador de *Gaibéus* tece o elemento sonho como impulsão à vida dos ceifeiros e a sua ânsia por justiça social aparece muitas vezes na figura do ceifeiro rebelde, quem sabe para amenizar a árdua atividade braçal que executam quando acordados, e que aos poucos dilacera sua dignidade, características bastante notáveis nas reflexões do ceifeiro rebelde, vejamos:

Os ceifeiros que dormitam não vivem aquelas dúvidas – sonham. E os sonhos deles talvez lhes façam ver uma seara pujante de espigas, uma seara ceifada por todo o rancho e para todo o rancho. Nem mesmo os mosquitos e as vespas, que lhes zunem à volta e os espicaçam, os acordam. Estão vencidos pelo





torpor da faina e talvez embalados no berço dos seus sonhos (REDOL, p. 110-111, 1989).

Os corpos andavam amolentados pela canseira a foice e do sol; as noites punham-se compridas que nem semanas e bonitas que nem para sonhar (REDOL, 1989, p. 114).

A natureza aparece relacionada aos seres humanos, como num paradoxo, ora como se fosse seu alento “[...] e respiram com sofreguidão o ar fresco da manhã” ora como se estivessem a maltratá-los “o gume do sol que acariciava faz-se tormento”. Ou ainda quando aparece enleada ao contexto no qual se encontram os Gaibéus: “os ceifeiros ignoram se são os capatazes que falam ou as rãs que coaxam. As vozes confundem-se. Os capatazes também coaxam e as rãs falam”. Este processo de desumanização aparece de várias formas em Gaibéus, onde o paradoxo homem *versus* bicho aparece frequentemente durante a trama.

No entremeio do quadro coletivo pintado pelas mãos de Alves Redol há personagens individualizadas apenas para denunciar as particularidades de determinados grupos marginalizados, como é possível citar, a exemplo, as condições sofridas pelas mulheres, que além do árduo trabalho da labuta diária, eram também exploradas sexualmente, como a Rosa, ceifeira que fora *escolhida pelo capataz* para satisfazer seus desejos de *homem*. A figura feminina é tratada como objeto pelos patrões: “ele já possuía tantas fêmeas quantos garranos cavalgara e sabia de cor a expressão dos olhares e carícias das mãos” (p. 117). Observa-se que há um paradoxo ao apresentar a figura feminina no interior da narrativa, de um lado Rosa, ser individualizado e, por outro, as Glórias, Marias Rosas e Adelaides, assim no plural, para demarcar a falta de individualidade. No fim, eram todas iguais, serviam para o mesmo fim.

Redol apresenta a alma límpida da infância ainda não consumida pelo trabalho escravo e/ou pela degradação existencial, “Só as mães ficam





sentadas a embalar os filhos, em cujos rostos andam sorrisos de sonhos lindos”, imagens que aparecem em contraposição a figura da velha Ti Maria do Rosário que embora fraca e doente, degradada não só pelo tempo como também pela opressão sofrida perpassa toda a narrativa, como se estivesse a tecer o ciclo da vida, a denúncia da exploração exacerbada do sistema de produção e o futuro igual, que aguarda todos os gaibéus.

A política colonial portuguesa pautada no regime salazarista fincava-se no mito lusotropicalista, a qual encobria formas de dominação raciais e nacionais, Gaibéus é, portanto, uma obra que possibilita ao leitor um (re)conhecimento sociocultural e histórico do contexto de sua produção. Com isto endossamos as palavras de Abdala, quando discorre que:

Importa na série literária de cada país a verificação das articulações que produzem a sua história particularizada. Na verdade ocorrem correlações de séries infra-estruturais e superestruturais – da economia à cultura. São estas articulações que estabelecem o diferente, partindo da alteridade individual, para a grupal, regional e nacional, em inter-relações dialéticas. [...] Conhecer, nesse sentido, cada uma das literaturas do macrossistema literário da língua portuguesa é também nos conhecer mutuamente – em “nós” e no “outro” que cada literatura nos traz (ABDALA, 1987, p. 70).

Os Gaibéus “todos liam pela mesma cartilha e os ranchos ficavam entregues às combinações dos feitores”, assim, todos foram alugados para trabalhar na ceifa de arroz, já que os moradores da Lezíria, os rabezanos, não mais aceitavam serem explorados, pois já haviam aprendido a lutar pelos seus direitos com os trabalhadores das fábricas e os patrões, queriam pessoas que não faziam questão de domingos e/ou feriados, que se contentassem em se alimentar dos restos que sobravam (REDOL, 1989, p. 130).





A trama de *Gaibéus* apresenta o que Ernst Fischer (p.49) nos diz ser premissa para qualquer cerimônia mágica, pois apresenta o perfeito entrelaçamento entre o ser humano, a fauna e a flora, bem como, entre a morte e a vida, entre a ânsia coletiva e a individual. Apresenta-nos a espiral incessante da vida dos *retirantes*⁶, com todas suas idiossincrasias, onde subjetividade e objetividade se mesclam para denunciar a injustiça e a exclusão social, tornando um todo indivisível, uma unidade.

O autor de um lado apresenta a consciência crítica de que era necessário lutar contra a imposição do trabalho *escravo*, na figura do ceifeiro rebelde e, de outro, dos Gaibéus, traz o pensamento de que era crucial e não tinha saída, era preciso lutar pela sobrevivência. Observemos que só a imaginação os libertava daquela miséria, condição na qual eram todos iguais e marcados, qual tal os *bois quando vão para o matadouro*. Por intermédio da esfera subjetiva e objetiva do trabalho, o autor apresenta a linguagem literária de modo que ao instrumento de ganha pão fosse aliada à imaginação criadora, que os amenizava da dor, mostrando o processo cíclico da atividade diária:

No outro dia, ao alvor, pegam de novo na foice. Dia a dia, todos os dias, a foice pesará mais. Podia servir de brinquedo da criança ou diadema de noiva – parece prata ao sol quando compram pela primeira vez.

A cada nova hora, porém, a foice tem metamorfoses.

Ora fica leve como pluma, ora carrega como barra de chumbo (REDOL, 1989, p. 93-94).

À figura do ceifeiro rebelde é apresentada tanto o pensamento como princípio de liberdade, “O ceifeiro rebelde tem bússola – bússola que marca um norte. Por isso ele olha a terra com olhos diferentes, onde o oiro das searas se reflecte” (REDOL, 1989, p. 94), quanto como prisão de uma

⁶ No Brasil refere-se aos imigrantes que abandonam sua terra natal em busca de melhores condições de vida, muitas vezes, saindo do interior para viver nas metrópoles.





realidade que não apresenta saída coletiva, ou seja, apenas um ou outro poderia conseguir se libertar das amarras do sistema vigente “as angústias do ceifeiro rebelde tornam-se maiores do que as dos camaradas – ele sente os pesares de toda a malta que ali moireja” (REDOL, 1989, p. 94). Esta condição reforça ainda mais o processo de exclusão e torna-se ainda mais ferrenha que as vivenciadas pelos ceifeiros comuns porque como salienta o narrador “no seu peito todas as dores encostam a cabeça e ali deixam um vínculo da amargura. E aqueles vínculos são estradas que findam na sua cabeça, onde o desalento, porém, não caminha” (REDOL, 1989, p. 94). Acredito que haja uma mutilação muito mais ferrenha causada pelo cérebro.

Reforçando o exposto, no que tange a liberdade de alguns, a certa altura do romance aparece à figura do marinheiro o qual faz menção ao período escravagista que ocorrem no movimento África e Brasil, bem como, apresenta a possibilidade de alguns se sobressaírem e conseguirem se libertar da miséria por meio do trabalho no Brasil ou em algum lugar do continente africano, como o Sr. João da Loja, porém frisa que não se trata do destino de todos que buscam destino em terras estrangeiras “[...] aquele voltara como fora, não ia dizer que para todos a vida seria igual” (REDOL, 1989, p. 219) e ele mesmo já não imprimia sonhos em terras estrangeiras “ele não depunha as suas ambições em terras de longe. O futuro vivia dentro dele e de outros homens” (REDOL, 1989, p. 219). E assim salienta que “A África e o Brasil estão com a gente. Todo o mundo pode ser África e Brasil”. Como se o pensamento pudesse levar a qualquer lugar, a viajar por terras distantes sem sair do lugar, o fato de estar em terra natal é encontrar aconchego *mater*, ao contrário, de estar em terras estrangeiras. A fim de reforçar esta convergência entre culturas diferentes que se encontram neste processo de desigualdade social, Redol enleia diversas passagens, entre elas:





Também já andara por esse mundo, embarcado como mercadoria. Encontrara homens de outras raças, raças que afinal eram irmãs da sua. Nunca julgara isso. Sabia agora que Agostinho da Serra pertencia a outra raça e que a sua era a mesma dos negros descarregados dos molhes dos portos por onde andara. Irmão negro que colhiam café pilavam milho, por essas terras distantes de oiro, e febres. Fora e voltara – sempre passageiro de terceira (REDOL, 1989, p. 208).

O narrador discorre que os homens tornaram-se máquinas, não raciocinavam e nem tinham/podiam querer outras coisas, senão aquelas delimitadas pelo regime opressivo em que viviam. Estes não podiam parar nem mesmo para respirar, pois a máquina tem urgência, não espera, vejamos:

Não param as máquinas- não param os homens. Ali não há homens – há máquinas. Só máquinas. [...] E os dois homens, envolvidos num nevoeiro de pó e palhas miúdas, não podem sair daquele inferno. São máquinas e não têm querer. Comem palha, respiram poeira. Os seus olhos apagaram-se, os seus rostos indefiniram-se (REDOL, p. 235, 1989).

O fragmento nos reporta ao filme: *Tempos Modernos*, com Charles Chaplin, o qual sobre o paradigma do fordismo que implicava no trabalho devastador e ininterrupto das engrenagens da máquina, não admitindo falhas. A temática do filme trata da questão da alienação física e ideológica causada pelos modelos de produção, por meio da arte e ironia de ator. O filme é, portanto, uma crítica ao sistema capitalista e ao modo de produção industrial (CHAPLIN, 2015). Os corpos dos Gaibéus precisavam de repouso, mas o descanso só vinha quando chovia e o descanso assim era bem mais padraço do que o trabalho de sol a sol. Afinal, a chuva lembrava aos ceifeiros que a ceia não estava ganha. A chuva para a máquina e a ceifa era o pão (REDOL, 1989, p.195).





Como se não bastasse à condição subumana de trabalho, os gaibéus ainda eram acometidos pela malária “nunca, como naquela colheita, as sezões derrubaram tantos alugados. Nenhum escapara ao seu frio, que tolhia os corpos, roubando-lhes alentos. Caíam uns pela manhã e outros depois do almoço (REDOL, 1989, p.242). Portanto, ao retornarem as suas aldeias, só vão os “restolhos”, pois tudo era dizimado pela força do trabalho, engolido pela lei do mais forte, que no caso é o sistema operante. É no meio da flagelação dos corpos humanos que o narrador de Gaibéus discorre “A Lezíria será o seu futuro – o futuro deles não difere do passado” (REDOL, 1989, p. 293). Mas, quem sabe, “os sonhos deles talvez lhes façam ver uma seara pujante de espigas, uma seara por todo o rancho e para todo o rancho” (REDOL, 1989, p. 111).

A trama narrativa da obra Homens e caranguejos, de Josué de Castro

É com as informações preliminares referendadas nos primeiros cenários que entramos no enredo da obra de Josué de Castro, já encharcados de êxtase e indignação pela contundente declaração do autor que nos convoca a tirar a venda dos olhos, a soltar tentáculos para conectar as informações descritas com outras leituras e olhares sobre o atual contexto histórico, social e cultural no qual estamos imbricados.

A obra inicia com a descrição de como o protagonista, João Paulo, teve o corpo e alma impregnada pelo suco dos caranguejos, pois: [...] a lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz. Quando ainda não é caranguejo, vai ser. [...] o que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez (CASTRO, 2001, p. 27). O narrador apresenta, também, o processo da industrialização, fazendo alusão ao ciclo do caranguejo, para o qual denota o mesmo labor e





escravização sofrida pela classe desfavorecida socialmente. “[...] são os apitos das fábricas impaciente chamando gente para o trabalho [...] é a população dos mocambos dando sinais de vida, preparando para viver um novo dia do ciclo dos caranguejos”.

A figura de João Paulo em diálogo com o pai Zé Luis traça o perfil de um sonhador já querendo entender, desde a infância, o paradoxo existente na sociedade de produção, como dissera sua mãe, Maria, a distinção entre “o paraíso dos ricos e o paraíso dos pobres” (CASTRO, 2001, p. 30). Assim, João Paulo vai se encontrando com os cavaleiros da miséria no mangue com suas estranhas armaduras de barro, com a negra Idalina e seu porco alimentado com os detritos das casas luxuosas do Recife, com Cosme, o paraplégico que por intermédio do espelho via a vida se movimentando fora do seu casulo individual, com o padre Aristides e sua astúcia para pegar guaiamuns, segundo ele, raça ariana de caranguejo.

Ao observar a natureza, o padre Aristides descobrira a forma para pegar o seu petisco preferido, os guaiamuns arianos e, começou a fabricar pequenas tempestades particulares para assustá-los e, assim fazê-los sair da toca para a armadilha dos humanos, contando sempre com a ajuda de João Paulo [...] o ribombar do bombo, o jato de água, os ruídos insólitos que ele emitia no campo eram ingredientes indispensáveis à fabricação destas tempestades artificiais para pegar caranguejo (CASTRO, 2001, p. 53). Este movimento causara espanto às pessoas daquela sociedade até que o padre esclareceu o mistério e tudo se normalizou. É importante destacar que a figura do padre Aristides traça a saga do cristianismo no que se refere à escravização e sua tônica dominadora ao destacar, especialmente, a preferência do vigário pela cor azul, talvez para destacar a marca indelével do colonizador.





A narrativa segue ao descrever o encontro de João Paulo com Cosme e sua saga por ficar milionário na extração da borracha na Amazônia, foi assim que Cosme narrou sua aventura por outras terras e como fora expulso do sertão, ressaltando que fora o monopólio o grande responsável por suas desavenças, que se trata de um monstro bem mais impiedoso do que a seca que assola o sertão nordestino. Ao narrar suas aventuras relata como acumulara riqueza e como a perdeu, bem como o retorno às suas origens, sem dinheiro e paraplégico: “Desci com um bando deles noutra navio gaiola. Punha as nossas cadeiras de rodas no convés e ficamos a nos lamentar uns para os outros, das nossas desditas – o fim de todas as nossas ilusões de sermos milionários da borracha” (CASTRO, 2001, p. 67).

O narrador destaca que Cosme era o cérebro da comunidade e que quanto mais murchavam os seus músculos, mais crescia o seu saber e, assim ele ia contribuindo com a formação de João Paulo que ouvia atônito as peripécias do amigo, fazendo crescer o conhecimento do protagonista sobre a distância que separam ricos e pobres, de tal forma que ele puxava as cordas do sino da igreja com raiva “como se estivesse puxando mesmo era os nervos fracos de todos os ricos” (CASTRO, 2001, p. 71).

No meio das narrativas pessoais descritas no romance, há também a de Zé Luis que conta a primeira vez que falou com Deus antes de se benzer. Relata que tudo começara com a seca que assolara o nordeste em 1877. Conta como saíra do sertão para o mangue e da morte trágica do filho Joaquim por falta de recurso:

Foi a primeira vez que falei com Deus sem antes me benzer!... No dia seguinte enterramos o Joaquim e partimos os três – Maria, Joaquim e eu – daquele em brasa. [...] Ele se calou abatido e ninguém insistiu para que prosseguisse nessa noite a história de sua peregrinação até o Recife (CASTRO, 2001, p.81).





Logo adiante, Zé Luis continua a discorrer sua peregrinação, sobre o ato do roubo do queijo para saciar a fome, angústia que se iguala a de outra personagem do romance, o seu Maneca, até chegar a construção da Aldeia Teimosa, o latifúndio da lama “partilhavam do latifúndio os mocambos de Cosme, da negra Idalina, de Mateus o Vermelho e de Chico o Leproso, o qual fora o primeiro morador daquele ermo. Nesta conjectura aparece com mais ênfase a crueldade do regime capitalista frente a classe menos favorecida. A Aldeia Teimosa se constituiu com os retirantes que se aglomeravam “como um monturo humano” (CASTRO, 2001, p. 106). Como salienta o narrador, em defesa da estética do governo do Estado deu início a campanha contra os mocambos nas mediações da cidade, sem dar-lhes condições necessárias a sobrevivência neste espaço. Para ser mais enfática, o governo se colocou:

Contra esta lepra urbana que ameaçava recobrir toda a beleza senhorial da Capital do Nordeste, toda a casta e fina nobreza dos seus antigos solares, com estes sórdidos borrões de miséria. [...] não era pois, fácil para esta gente pobre de economia tão restrita romper assim com o mangue só para cumprir as instruções do governo. O que era necessário era burlar estas instruções (CASTRO, 2001, p. 107).

Ao parar a construção dos mocambos nas vizinhanças da cidade, esses habitantes se aglomeraram ainda mais na Aldeia Teimosa, até aparecer também os *donos das terras do mangue* que, até então, eram terras de ninguém. Estes novos donos eram pessoas ligadas ao governo. Porém, a Aldeia ia resistindo e crescendo, como salienta o narrador, “no peito e na marra”, daí deriva o seu nome. Para tanto, os retirantes contavam com a perspicácia e sabedoria de Cosme, que orientava e traçava com astúcia a forma de estratégias para vencer o inimigo.





O narrador prossegue dizendo como o exercício de “pescar imagens” fez por intermédio do espelho, tanto Cosme quanto João Paulo conhecedores das particularidades do povo daquela sociedade, de modo que era importante descrever algumas dessas individualidades, o relato biográfico tecido na trama da exclusão socioeconômica. Ao falar sobre Chico, o Leproso, com sua mania de sair à noite para o encontro com o rio, acreditamos estar nessa passagem o maior grau de poeticidade da obra de Castro:

[...] o rio não tinha segredos para Chico. Há muitos anos que ele trocava língua com o rio. Que descobrira o sentido completo do linguajar do rio dialogando com os mangues, com as jangadas, com os pescadores. [...] Chico aplicou bem o ouvido para entender o sentido daquele mugido das águas. E entendeu. Era o aviso da cheia. Era o rio acariciando os mangues e prevenindo-os do perigo que se aproximava, para que eles se agarrassem com todos os seus galhos e raízes para agüentar a violência da cheia. Chico não podia se enganar ouvindo este aviso (CASTRO, 2001, 145).

Assim, segue a narrativa discorrendo o crescimento das águas sobre o ventre da terra, como a inundação dos rios tomou conta da Aldeia Teimosa e a proeza de Cosme e Chico para salvar as pessoas e as colocarem em lugar seguro. Observamos nessa passagem a engenhosidade do autor ao atribuir a duas *escórias da sociedade convencional*, um leproso e paraplégico, a função de salvar as pessoas. Esta passagem vem seguida da descrição de como as águas da cheia arrastaram com elas toda a força de viver dos habitantes do mangue e, inclusive, tirara de Cosme o entusiasmo para superar as adversidades daquele lugar. Em meio a esta conturbada situação retrata a forma deplorável que os ricos encontram para sugar um pouco mais a fraqueza dos oprimidos, a forma como a classe rica ajuda os flagelados do mangue “ou para sermos bem precisos para os filhos dos flagelados da cheia que se mantinham em boas relações com as famílias tradicionais da terra”, a





forma desonesta que o governo encontra para tirar proveito da miséria alheia:

Apareceu no bairro o Januário, nomeado recentemente subdelegado da zona, oferecendo ajuda em materiais para a construção de casas a todos os moradores que sabendo ler e escrever, se apresentassem no correr da semana na sede do partido do governo, para tirar seus títulos de eleitor, ou revalidá-los para as próximas eleições. Inexplicavelmente Zé Luis, que sabe ler e escrever, recusa a oferta (CASTRO, 2001, p. 159).

Assim, o narrador tece como a corrupção é gestada nos bolsões da miséria e como os tentáculos do poder governamental físgam e enleiam ainda mais os miseráveis:

Tinham que replantar os canaviais destroçados, só pela comida, porque dinheiro não havia. [...] se não quisessem trabalhar por esse preço, que fossem para o inferno e fossem calados, porque se falassem, reclamassem as benfeitorias que tinham levantado nas terras do patrão – o mocambo de palha, a horta de couve, o chiqueiro de porcos -, os capangas sentava-lhes o cacete no lombo para servir de lição aos outros. Maldita cheia e maldita organização política que tanto oprimiam a vida de miséria dos camponeses indefesos (CASTRO, 2001, p. 163).

Cosme, mesmo debilitado com as agúrias da cheia, ainda era o líder da sociedade dos caranguejos e, se junta a *Nascimento o Grande* para arquitetar a forma de luta e de como utilizar “a lama dos mangues como trincheira de combate” (CASTRO, 2001, p. 164). A descrição prossegue narrando como a gente do Nordeste morre e aprende a superar o ciclo da fome e da exclusão social, momento que descobre que a filha de quem Idalina tanto se orgulhava era prostituta e a negra com vergonha foge, levando o neto Oscarlindo. Tece ainda a morte de Cosme, seguida pelo lamento e desolação daquela gente: “logo agora que tinham tanta necessidade dos conselhos e da experiência de Cosme [...] já o próprio Cosme tinha informado que estava marcado o dia do levante [...] a desolação era geral” (CASTRO, 2001, p.





172). A narrativa prossegue discorrendo que por não haver vela, dado a pobreza daquela gente, pegaram um tição aceso e colocaram entre as mãos cruzadas do moribundo e que em um momento de lucidez, Cosme exclamara: “- Morrendo e Aprendendo...” estas foram suas palavras finais.

No último capítulo, há a metamorfose sofrida por João Paulo, narra como este ao ouvir a tempestade dos homens virara caranguejo. A morte de Cosme, a fuga de Idalina levando o amigo Oscarlindo tirara-lhe o viço e a alegria de viver. Os pais preocupados tentaram investigar enquanto João Paulo tomava seu café da manhã, mas sem sucesso. Ao terminar o café, o menino segue para seu trabalho na casa do vigário, porém no trajeto se depara com uma enorme trovoadas, era o início da revolução. O menino se mistura com os homens desconhecidos que pareciam os heróis do manguê que tanto admirava, “mas estes não estavam apenas protegidos com suas armaduras de barro, mas armados com fuzis e metralhadoras que ninguém sabia onde tinham arranjado. Só Cosme saberia e lhe explicaria tudo. Mas Cosme estava morto (CASTRO, 2001, p. 180). As tempestades ali não eram mais como as brincadeiras que faziam com o padre para pegar guaiamuns. Enquanto isso os pais de João Paulo ao dar por seu sumiço, começa a romaria para encontrá-lo. O quitandeiro dá informações sobre o paradeiro do menino ao padre:

Daqui deste lado, no meio desses mangues agora coberto pelas águas, atiravam os revoltosos. Os soldados estavam divididos em dois grupos. Atiravam em cima da ponte e por trás dos mangues da outra margem do rio. **De casa eu vi quando dois de farda amarela**, envergaram a munheca por cima dos mangues e arriaram na lama (CASTRO, p.184, 2001).

A busca por João Paulo cessou quando as águas da maré subiram e a paisagem recoberta pela “negra mortalha recobrindo todos os corpos dos





mortos da revolução fracassada”. Assim, as carnes se misturaram, homens e caranguejos, no ciclo vital dos mangues. “Dentre eles, enterrado nos mangues, deve estar, em qualquer parte, o corpo de João Paulo que, com a sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o ciclo do caranguejo”.

Cenários finais

As narrativas apresentam pontos de convergências e distanciamentos, tanto no conteúdo quanto na forma, porém, em ambos é possível verificar a ênfase na animalização do ser humano e o processo cíclico de exploração subumana que sofre o *homem ordinário* nos recônditos da civilização. Os autores apresentam como passado, presente e futuro se mesclam para enfatizar o movimento da exploração em série e, neste aspecto, vale considerar que se trata de contextos diferentes que convergem quando se refere à divisão de classes, fator que reforça o método comparatista já que traz “a noção de transversalidade, seja com relação às fronteiras entre nações e idiomas, seja no que concerne aos limites entre as áreas do conhecimento” (COUTINHO, CARVALHAL, 2011, p.07).

Embora situadas em pontos geográficos tão distantes, é possível destacar nas produções em foco, o enlace de inúmeras temáticas que merecem estudos mais aprofundados, entre elas: a loucura que em *Gaibéus* aparece na figura do Ceifeiro Rebelde, em seus delírios por melhor qualidade de vida para todos; em *Homens e Caranguejos* na concepção da sociedade dos caranguejos ao observar a artimanha do padre Aristides para pegar guaiamuns; na Exploração sexual que traça a identidade feminina e sua inferioridade frente ao sexo masculino, em *Gaibéus* na figura de Rosa, em *Homens e Caranguejos* na figura da filha de Idalina; no sonho e a





infância também alinhavados no percurso das duas narrativas, de modo a parecer ser o combustível necessário ao processo vital de renovação daqueles ambientes deploráveis, mas que aos poucos vão se constituindo substratos necessários as leis da sobrevivência desumana daquele povo.

Também no paradoxo aldeia/cidade, que demonstra a ênfase na diferença de classe, a maneira excludente pela qual é constituído o sistema, bem como a forma como este enreda o ser *humano ordinário* de modo a não permitir sua liberdade; nas peripécias de Cosme, personagem de *Homens e Carangueijos*, quanto nas do Ceifeiro Rebelde de *Gaibéus*, os quais são passageiros de terceira classe, foram embarcados como mercadoria, são despejados à margem da sociedade, excluídos do convívio social, vivenciaram a história, são bússolas para a sociedade dos renegados da história oficial, heróis de uma contra história.

Na perspectiva acima, vale ainda destacar que, os elementos da natureza aparecem nos romances, muito mais para punir que para acalentar a alma do povo oprimido, nas duas obras a chuva aparece como elemento de opressão, destruindo o pouco que construíram e deixando-os ao relento. Há, ainda, a presença de várias doenças, outro elemento que acompanha a exploração do trabalho fazendo-os sentir na carne, a podridão do regime social capitalista, onde nem mesmo a migração para outros lugares apaga a marca da miserabilidade humana que os acompanha. Há ainda, a antítese do dia e noite, a qual ressalta a oposição sempre presente na vida cotidiana do povo oprimido, seja do mangue ou da Lezíria ribatejana, ou seja, a luz ou a escuridão, não importa, pois ambas não acalentam a vida destes que são colocados à margem da sociedade de produção.

A linguagem pictórica permeia os dois enredos, pois as narrativas aparecem em quadros, como se emoldurassem a vida daquela gente e as





aprisionasse em um mesmo destino, capaz de reproduzir a alienação e a exclusão sofrida, jamais de escrever outra história nos ideários da emancipação e liberdade. Assim, o universo cruel e maquiavélico do capitalismo aparece nas duas produções na figura da industrialização e da necessidade da força humana como combustível para sua operacionalização. Os narradores dos romances vão deixando pistas de que o mecanismo do poder que contribui para aumentar e/ou minimizar a existência desses mundos pode ser a língua, pois esta contribui na ignorância de direitos ou na consciência deles para a tomada de decisão diante das aporias do mundo contemporâneo.

Nas conjecturas tecidas, é importante reforçar que “não se estuda a função de um homem sem recolocá-lo em seu meio e em seu tempo” (COUTINHO & CARVALHAL, 2011, p. 47) e, tanto Redol quanto Castro são conscientes desta perspectiva, já que iniciam suas narrativas situando o leitor na época de sua produção e dos contextos socioeconômico político e cultural. São, portanto, diálogos que impulsionam o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo, destacando a necessidade de “[...] construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes” (ZITKOSKI, 2008, p. 130).

Tanto as aproximações quanto os distanciamentos entre as duas obras confirmam a miserabilidade humana existente em ambos os lados do atlântico, como salienta Benjamin Abdala (p.48) faz-nos compreender o conteúdo não como um elemento imediato, mas como uma construção discursiva com interações ideológicas. Já na abertura dos romances, os autores nos contextualizam dos liames tecidos na construção da narrativa, mostrando que o ser humano é o seu tempo com todas as imbricações e





complexidades que acarretam. Que este carrega a marca de suas opções e ideologias. Portanto, acreditamos que vale à pena:

Investigar como as nações aprenderam uma com as outras, como elas se elogiam e criticam, se aceitam e rejeitam, se imitam ou distorcem, se entendem ou interpretam mal, como elas abrem os corações ou fecham umas às outras, mostrar que as individualidades, como períodos inteiros, não são mais do que elos de uma cadeia longa e multifilamentada que liga passado a presente, nação a nação, homem a homem (COUTINHO, CARVALHAL, 2011, p.63).

Os romances traçam o percurso de um grupo marginalizado pela sociedade de produção e ressalta alguns valores que, muitas vezes, permanecem silenciados pela história oficial. Observamos que tanto Redol quanto Castro, ao movimentar os saberes axiológicos, propicia-nos o contato com uma escrita inovadora, bem elaborada do ponto de vista político, social e artístico. Por fazer parte da tradição do povo, os autores souberam trazer pontos de identificação das linhas estruturais da cultura marginalizada, mostrando-nos que por intermédio do conhecimento e/ou (re)conhecimento da cultura se é possível perceber como os grupos socialmente marginalizados vão construindo modelos de práxis convenientes para enfrentar as adversidades sociais (ABDALA, 1987) ou como salienta Michel de Certeau (1994) fazem-nos compreender como são as táticas, as astúcias do ser humano ordinário para criar rupturas que garantam sua sobrevivência em um mundo onde impera a desigualdade e a exclusão social. Trata-se de um reconhecer que o sistema social, em várias partes do mundo, exclui grande parte dos seres humanos e, que, portanto, é preciso criar resistências para lutar contra ele e não apenas aceitá-lo como uma visão fatalista e alienada. Neste sentido, é importante entender que:





a história da humanidade não pode mostrar exemplos de um desenvolvimento social, cultura (e conseqüentemente) literário isolado, intocado por tais influências entrecruzadas. Cada grande literatura desenvolveu seu caráter nacional em constante interação com outras literaturas (COUTINHO, CARVALHAL, 2011, p. 222).

Acreditamos que Redol e Castro endossam as palavras de Benjamin Abdala (1989) quando este descreve que a obra de ficção possibilita o revisionismo histórico, uma volta ao tempo capaz de incitar a consciência crítica, pois quem lê começa a questionar o mundo e seus desdobramentos, porém não é interesse nem da metrópole, nem de seus governantes terem pessoas instruídas que questionam a organização social. Ao compreender conforme Benjamin Abdala (1989) a história compreendida como narrativa e fruto da produção humana é possível propor a reescrita da história, tendo como base a produção literária e sua atividade de relativizá-la.

Ainda de acordo com Benjamin Abdala (1989), o imaginário político dos países descritos pelos autores engajados apresenta um universo plurívoco, no qual vários valores e sentidos se movimentam e propiciam o circuito linguístico, que trata dos diversos autores que mesmos em contextos diferentes vão à mesma direção, apresentam aspectos que se articulam e dialogam. Assim, a literatura apresenta um aspecto supranacional, ou seja, pertence a um organismo que está superior ao poder de cada nação específica, como foi possível verificar nas duas narrativas em questão.

Por fim, destacamos que a saga dos ceifeiros de arroz da Lezíria Ribatejana de Portugal, os gaibéus, como os denomina Alves Redol, se alia as proposições de Josué de Castro em *Homens e Caranguejos*, pois ambos narram à história não apenas de um grupo de trabalhadores, mas a saga do ser humano ordinário que é aprisionado pelas artimanhas do sistema capitalista de organização social. Ambas as narrativas deixam pistas para





compreendermos que, a solidariedade poderia ser a arma capaz de encontrar a ruptura na força e atitude de uma coletividade consciente deste regime de exploração que atravessa uma cultura plural, existente em vários países, afinal “que bom seria se todos pudessem dar as mãos e compreender-se. Mas os outros não querem” (REDOL, 1989, p. 168). Porém, só assim, poderiam compreender que “a vida nunca é charco. Rio aparentemente igual e sempre diferente” (REDOL, 1989, p. 209). Que a exploração em série e o fenômeno da fome são acontecimentos que afligem os seres humanos nos dois lados do Atlântico e que, portanto, a representação estética e a releitura destes romances podem ser uma das vias capazes de aflorar a necessidade de consciência crítica sobre o contexto socioeconômico e cultural, para além das *verdades* descritas nos registros oficiais.

Referências

- ABDALA JR. Benjamin. **Literatura, história e política**. São Paulo, Ática, 1987.
- BACHELARD, Gastón. **A intuição do instante**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Verus editora, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In.: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.





CHAUÍ, M. **Janela da alma, espelho do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

CHAPLIN, Charles. **Tempos Modernos**. In.:

<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/o-filme-tempos-modernos.htm> acesso em: 05/04/2015.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Tradução de Leandro Konder. Editora: Zahar. Rio de Janeiro, 1971.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

LIMA, Marcia Elizabeti Machado de. **Gaibéus, de Alves Redol: O engajamento forjado pela beleza da linguagem poética**. Cáceres, UNEMAT, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REDOL, Alves. **Gaibéus – uma leitura (uma lição) cinquentenária**. 17 ed. Prefácio de Óscar Lopes. Editorial Caminho, SA. Lisboa, 1989.

ZITKOSKI, Jaime. **Diálogo/dialogicidade**. In: Streck, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

